A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E A INFERIORIZAÇÃO DE HOMENS GAYS AFEMINADOS: UM OLHAR A PARTIR DA MÍDIA BRASILEIRA[1]

Eixo Temático: EIXO 23 - MASCULINIDADES E FEMINILIDADES: TENSIONAMENTOS E POSSIBILIDADES NO ESPAÇO ESCOLAR E NÃO ESCOLAR / AXIS 23 - MASCULINITIES AND FEMININITIES: TENSIONS AND POSSIBILITIES IN SCHOOL AND NON-SCHOOL SETTINGS (ONLINE)

Charlley Freitas Campos[2]
Alides Baptista Chimin Junior 02[3]

RESUMO

As masculinidades e feminilidades são práticas discursivas que se constroem socialmente e para Connell e Messerschmidt (2013) existe uma masculinidade hegemônica que inferioriza as mulheres e homens gays. Logo, esse texto busca investigar como a mídia brasileira por meio dos seus personagens e celebridades afirmam essa masculinidade hegemônica e ao mesmo tempo que inferioriza homens gays afeminados. Foi utilizado como metodologia a análise de conteúdo de Bardin (1979) de cenas dos personagens Félix da novela "Amor à Vida", Crodoaldo Valério da novela "Fina Estampa" e dos filmes "Crô: O Filme" e "Crô em Família". Chegou-se a conclusão que a mídia brasileira deve buscar novas maneiras de representação de corpos gays afeminados evitando estereótipos que servem para reforçar características que propiciam uma inferiorização perante uma masculinidade hegemônica.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidades, Masculinidade, Feminilidade.

INTRODUÇÃO

Para, Connell e Messerschmidt (2013) às masculinidades se formam a partir de práticas sociais e podem se diferenciar de acordo com o cenário social e as relações de gênero de determinado local. Neste sentido, os autores pontuam que para formação de um status hegemônico é necessário que os homens jovens façam "coisas que seu grupo

---

[1] Pesquisa resultante de projeto de pesquisa de mestrado com financiamento da CAPES-(Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) a partir de bolsa de demanda social.

[2] Mestrando do Curso de Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG, charlley2campos@gmail.com;

[3] Professor Orientador: Doutor em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG, alidesterritoriolivre@gmail.com.

de pares local define como masculinas – enlouquecer, se mostrar, dirigir bêbado, entrar em uma briga, defender seu próprio prestígio" (Connell; Messerschmidt, 2013, p.252). Não distante, os autores expressam que esses modelos de masculinidades são exaltados pelas igrejas, narrados pela mídia de massa ou celebrados pelo Estado, mas também em vários sentidos são distorcidos das realidades cotidianas da prática social.

> Desse modo, as masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. Ademais, eles se articulam livremente com a constituição prática das masculinidades como formas de viver as circunstâncias locais cotidianas. Na medida em que fazem isso, contribuem para a hegemonia na ordem de gênero societal.(Connell; Messerschmidt, 2013, p.253)

Connell e Messerschmidt (2013) também expressam a capacidade da masculinidade hegemônica produzir padrões, e estes são tanto envolvidos como contestados, à medida que as crianças crescem. Pois, os homens podem se esquivar desses padrões de acordo com suas necessidades interacionais, ou seja, os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, ou se distanciar da masculinidade hegemônica em momentos oportunos. Demonstrando que a masculinidade representa não um tipo determinado de homem, mas como os homens se posicionam através de práticas discursivas.

Neste sentido, Connell e Messerschmidt (2013) estabelece uma diferenciação entre as masculinidades hegemônicas pontuando a existência de uma "hegemonia externa" onde existe à institucionalização da dominação dos homens sobre as mulheres; e a "hegemonia interna" que se refere à ascendência social de um grupo de homens sobre todos os outros homens. Os autores ainda salientam que "as masculinidades não hegemônicas existem em tensão com, mas nunca penetram ou impactam a masculinidade hegemônica" (Connell; Messerschmidt, 2013, p.261).

Logo, as masculinidades de homens gays está articulada com a hegemonia interna, uma vez que existe uma relação de poder entre os homens heterossexuais e homossexuais. Nessa lógica, é válido frisar a característica normativa da masculinidade hegemônica que inferioriza todos aqueles que não se enquadram na lógica heteronormativa e cisgenero. E no caso de homens gays afeminados existe uma dupla

inferiorização, pois além do preconceito advindo de homens héteros também existe um preconceito da própria comunidade gay contra os afeminados, como pontua Santiago, Castello e Rodrigues (2017).

Para tanto, Santiago, Castello e Rodrigues (2017) ressaltam a potência e a capacidade de corpos afeminados resistirem aos vários processos biopolíticos e disciplinares e produzirem fissuras na binaridade de gênero. E quando a mídia brasileira retrata esses homens gays afeminados de forma estereotipada, caricata e fútil desconsidera a potência dos mesmos. Pois para Burke (2004):

> O estereótipo pode não ser completamente falso, mas frequentemente exagera alguns traços da realidade e omite outros. O estereótipo pode ser mais ou menos tosco, mais ou menos violento. Entretanto, necessariamente, lhe faltam nuanças, uma vez que o mesmo modelo é aplicado a situações culturais que diferem consideravelmente umas das outras (Burke, 2004, p. 156).

Neste sentido, Baggio (2013) pontua que a percepção imagética criada pela mídia muitas vezes é da "bicha louca" e essa é "Difundida por meio das manifestações culturais mais diversas, ao mesmo tempo em que esta imagem representa o preconceito, a caricatura e o estigma, também serve como elemento de identificação comum"(Baggio 2013, p. 107). E sobre a constituição da identidade gay afeminada Woodward (2007) expressa que as:

> "Identidades diferentes podem ser construídas como 'estranhas' ou 'desviantes'. [...] a forma como vivemos nossas identidades sexuais é mediada pelos significados culturais sobre a sexualidade que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação" (Woodward,2007, p. 32).

Ainda nessa perspectiva Lau e Ferreira (2015) expressam que a identidade homossexual é visto como não natural por se divergir da heteronormatividade o que gera uma necessecidade de indivíduos gays se identificarem com os seus semelhantes, criando um grupo capaz de veicular uma imagem própria, como um contraponto à heteronormatividade. Os autores trazem um ponto importante sobre o "mito" gay, que na palavra dos autores seria:

> O "mito" de que gays querem somente "pegação, curtição", é retratado em novelas, seriados, em que muitas vezes um dos parceiros não é assumido, e, quando duvidam de que ele é heterossexual, ele namora com algumas mulheres para não perder as amizades ou até o emprego (Lau; Ferreira, 2015, p. 9)

E dentro dessa narrativa as imagens e corpos afeminados, denotam que o homem gay só é desejável quando corresponde ao estereótipo masculino que respeita o padrão heteronormativo.

Para a escrita deste texto foi utilizado como metodologia a análise de conteúdo de Bardin (1979) de cenas dos personagens Félix da novela "Amor à Vida", Crodoaldo Valério da novela "Fina Estampa" e dos filmes "Crô: O Filme" e "Crô em Família" lançados respectivamente em 2013 e 2018, as cenas das novelas e os filmes encontram-se disponíveis no *YouTube.* Logo, esse texto busca investigar como a mídia brasileira por meio dos seus personagens e celebridades afirmam essa masculinidade hegemônica e ao mesmo tempo a inferiorização de homens gays afeminados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos os personagens da teledramaturgia brasileira temos diversos exemplos de gays afeminados, mas o personagem Félix interpretado pelo ator Mateus Solano em "Amor à Vida" foi um personagem tão marcante e repleto de estereótipos que merece ser discutido nesse texto.

A novela "Amor à Vida" ficou em exibição na Rede Globo de 20 de Maio de 2013 a 31 de Janeiro de 2014 e durante esses meses de exibição conhecemos a família Khoury, onde Félix é filho de César Khoury interpretado por Antônio Fagundes, um pai extremamente homofobico e problemático e podemos considerá-lo como o representante da masculinidade hegemônica. Felix por ter medo da rejeição da família se vê obrigado a casar com Edith, interpretada por Bárbara Paz, este casamento acontece por uma conveniência, e foi orquestrado por César, o que reforça a ideia do "mito gay" apresentado por Lau e Ferreira (2015).

Félix também apresenta uma relação de vilania com a sua irmã Paloma Khoury interpretada por Paolla Oliveira, o personagem foi capaz de jogar a filha de Paloma na caçamba de lixo. Neste sentido, além de Félix ser um gay afeminado não assumido ele é um vilão, ácido, debochado, cruel e escandaloso ressaltando uma narrativa estereotipada, que os gays afeminados são ácidos e debochados. Neste sentido, precisamos frisar que ser escandaloso está relacionado com um temperamento do ser humano, logo não podemos fazer uma associação generalista de que gays afeminados são escandalosos. Contudo, no decorrer da novela Félix é desmascarado e tirado do

armário[4] por César e Edith, a partir daí o personagem começa a ter uma redenção, bem como começa a expressar sua sexualidade sem medo e/ou culpa ficando cada vez mais afeminado .

Um outro ponto importante da narrativa é a relação de Félix com Niko (Nicolas Corona) interpretado por Thiago Fragoso, Niko é um personagem gay afeminado, mas sem uma estereotipação exacerba e juntos Félix e Niko protagonizam o primeiro beijo gay da história da teledramaturgia brasileira, um fato importante e que repercutiu muito na mídia. O beijo e a troca de afeto entre casais heterossexuais é tão naturalizado e comum que não sofrem nenhum tipo de resistência de serem demonstrados na mídia, no entanto, até os dias atuais as novelas do Brasil sofrem um resistência ao retratar o afeto de casais homossexuais, segundo dados da Agência de Notícias da UniCEUB (Centro Universitário de Brasília) de 2010 até 2018 foram representados 66 personagens LGBTQIAP+ e de 2014 até 2018 foram contabilizados 7 beijos homoafetivos.

Um outro personagem gay afeminado emblemático é Crodoaldo Valério, ou "Crô" da novela "Fina Estampa" e interpretado pelo ator Marcelo Serrado, a novela ficou no ar na Rede Globo de 22 de agosto de 2011 a 23 de março de 2012 e foi reprisada entre 23 de março e 18 de setembro de 2020. Crô fez tanto sucesso com o seu jeito engraçado, caricato e submisso que o personagem ganhou dois filmes, o primeiro lançado em 2013 intitulado "Crô: O Filme" e o segundo "Crô em família" lançado em 2018.

Na novela o personagem mantinha uma relação de submissão com sua patroa Tereza Cristina interpretada pela atriz Christiane Torloni, Crô se comportou durante a novela como se fosse um *pet* de Tereza Cristina ou como popularmente chamamos de gays chaveirinhos. Os gays chaveirinhos são os estereótipos de gays que somente tem e fazem amizades com mulheres heterossexuais e para além disso apresentam uma relação de submissão e na novela o papel de submissão fica muito claro nas cenas que Crô prepara o banho, a roupa, o café de sua patroa/rainha do rio nilo (Apelido carinhoso que Crô deu a Tereza Cristina).

Uma outra relação problemática é a de Baltazar interpretado por Alexandre Nero com Crô, Baltazar era agressivo, homofóbico e machista, chegou a agredir sua mulher e

[4] Expressão usada na comunidade LGBTQIAPN+ para se referir a alguém que tem sua sexualidade revelada contra sua vontade, ou também pode se referir a pessoas que escondem sua sexualidade.

filha na novela e sempre que se referia a Crô era com ódio e desprezo. É interessante analisar como foram construídas as cenas desses personagens de forma que a agressão de Baltazar soasse de maneira cômica, incutindo na mentalidade de quem assistiu a novela que agredir um gay afeminado é cômico, e mais ao final da novela o aprofundamento dessa relação vai ficando pior, uma vez, que começa a surgir insinuações de que Crô gosta de Baltazar.

O desfecho da relação de Baltazar e Crô acontece no primeiro filme lançado em 2013, no filme, Crô que herdou cinquenta por cento da herança de Tereza Cristina é apresentado como patrão de Baltazar e que continua com comportamentos agressivos e homofóbicos contra Crô, mas todas as cenas construídas de forma humorísticas. Mas questiono: que humor é esse, que humilha e inferioriza outro ser? E no final do filme Baltazar acaba fugindo com Crô e se assume gay ou bissexual, pois não fica claro a sexualidade do personagem pois essa cena no filme foi feita de maneira muito subliminar e tanto na novela quanto no filme não há nenhuma cena de beijo, carinho ou afeto, logo, o corpo gay afeminado é visto como não merecedor de afeto romântico sexual. No início do filme também é retratado que Crô tenta ter várias profissões e todas elas sendo estereotipadas como profissões de gays, sendo: Cabeleireiro, Estilista e Cantor Pop, o personagem falha miseravelmente em todas elas e em vez do mesmo curtir a sua fortuna herdada ele prefere voltar a ser mordomo e servir a uma nova "Rainha do Nilo" reforçando portanto a ideia estereotipada de submissão de gays afeminados.

Já no filme lançado em 2018, bem no inicio é retratado um divorcio de um casamento de Crô com Zarolho interpretado por Raphael Viana, e Zarolho é um homem gay que está inserido dentro dos padrões heteronormativos e nesse sentido é importante pontuarmos que a construção da evolução do personagem Crô sempre se deu a partir da tentativa do mesmo encontrar um homem gay padrão para se relacionar e isso fica evidente na cena do banheiro onde Crô se ajoelha e pede para que Zarolho volte para ele, ou na própria relação tóxica com Baltazar. Uma outra associação que é feita está relacionada a posição de passividade dos homens gays afeminados, por serem considerados mais femininos é incutido a percepção de que eles são os passivos na

relação sexual, percepção que também é errônea, ser passivo ou ativo não está relacionado com ser ou não ser afeminado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a mídia brasileira deve buscar novas maneiras de representação de corpos gays afeminados evitando estereótipos que servem para reforçar características que propiciam uma inferiorização perante uma masculinidade hegemônica.

Não existe humor em inferiorizar a existência de outro ser, corpo e sexualidade não são piadas. A representatividade de personagens LGBTQIAPN+ é de extrema importância, mas ao se representar estes de forma extremamente estereotipada acontece um efeito muito negativo de menosprezo dessas existências.

Homens gays afeminados são potência e resistência e rotular a existência deste ao cômico, superficial e fútil é de uma crueldade sem precedentes. Por isso, é necessário que os autores de filmes e novelas ao construírem um personagem dialoguem com a comunidade LGBTQIAPN+ para evitar estereótipos exacerbados que contribuam para inferiorização de gays afeminados e demais membros da comunidade e a reafirmação de uma masculinidade hegemônica que inferioriza os mesmos.

REFERÊNCIAS

Agência de Notícias da UniCEUB, 2018. Disponível em: https://agenciadenoticias.uniceub.br/destaque/representatividade-lgbt-na-tv-dobra-nos-ultimos-18-anos/ Acesso em: 20 de Abril de 2025.

BAGGIO, A. T. A temática homossexual na publicidade de massa para o público gay e não-gay: conflito entre representação e estereótipo. **Revista Uninter de Comunicação**, v. 1, n. 1, p. 100-117, jun./dez. 2013.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. **Lisboa:** Edições 70, p. 229, 1979.

BURKE, P. Estereótipos do outro. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHIMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: Masculinidade hegemônica. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241, 2013.

Crô: O Filme, 2013. Disponível em: https://youtu.be/AZHDFrNnNWo?si=9e1J2ARLVO0sbSwd Acesso em: 20 de Abril de 2025.

Crô em Família, 2018. Disponível em: https://youtu.be/VwwL8gkqwLg?si=3rcVm4TlMbmb8oLN Acesso em: 20 de Abril de 2025.

LAU, H. D.; FERREIRA, W. J. Estereótipos da comunidade gay enquanto ser virtual. **ENCONTRO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO**, v. 7, 2015.

SANTIAGO, A. C.; CASTELLO, N. F. V.; RODRIGUES, A.. Bichas destruidoras mesmo: construindo uma viada bem afeminada. **Periferia**, v. 9, n. 2, p. 156-180, 2017.

WOODWARD, K.. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In:SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 7-72.